

## UM POUCO DE BÁLSAMO, UM POUCO DE MEL



*“Então Israel, seu pai, lhes disse: ‘Se tem que ser assim, que seja! Coloquem alguns dos melhores produtos da nossa terra na bagagem e levem-nos como presente ao tal homem: **um pouco de bálsamo, um pouco de mel...**’” (Gênesis 43.11 – Nova Versão Internacional, 1993)*

### 1. INTRODUÇÃO

Todos nós, querendo ou não, fazemos parte de uma geração imersa em ambientes virtuais que, para o bem e para o mal, transformaram a forma como nos comunicamos. Com o advento da tecnologia da informação, o contato físico foi substituído pelo toque na tela, os abraços pelas curtidas e as palavras de afeto por *emojis*. Sem perceber, estamos perdendo, dia após dia, a nossa capacidade de dialogar, de compreender quem pensa diferente, de refletir de maneira distinta, mas sem abrir mão da essência. Em outras palavras, a comunicação entre as pessoas está se tornando um desafio, com dificuldades cada vez maiores de serem superadas. Para não fracassarmos nesse processo, nossa comunicação precisa ser, acima de tudo, eficaz.

Comunicação eficaz é a habilidade de transmitir uma mensagem de forma clara e compreensível, garantindo que o receptor entenda corretamente o que foi dito. Não é apenas falar, mas também assegurar que a outra pessoa compreenda a ideia de maneira precisa. **Mais importante do que aquilo que se fala é a forma como se ouve e se interpreta o que foi dito.** Para isso, é essencial adaptar as palavras e o tom ao público e ao contexto, evitando mal-entendidos e facilitando a troca de informações de maneira eficiente e simples.

Autor: Pr. Herbert Pereira

[Copyright © 2024] – Todos os direitos reservados. – TREC4



Kéryx Estudos Bíblicos e Teológicos – *Em Defesa da Verdade*

Acesse: [keryx.com.br](http://keryx.com.br)

*“Orem por mim, para que, no abrir da minha boca, me seja dada a palavra, para com ousadia tornar conhecido o mistério do Evangelho”  
(Efésios 6.19 – Nova Almeida Atualizada)*

Nos relacionamentos interpessoais, incluindo os familiares, os conflitos são inevitáveis. Nem sempre concordamos com tudo o que ocorre nas relações. Existem situações em que não aceitamos as opiniões alheias e não toleramos determinados comportamentos de pessoas com quem convivemos. Na verdade, todos nós idealizamos um mundo perfeito, que quase sempre é o oposto do que ocorre na realidade. Por exemplo, quando nos posicionamos para tirar uma fotografia, estamos sempre sorrindo. Se, no momento da foto, apresentamos um semblante mais sério, certamente alguém dirá: “Sorria!”. Contudo, ninguém em sã consciência sorri o tempo todo. Além do sorriso forçado, há também situações em que, nas fotografias, a família parece unida, mas fora das imagens não há comunhão; no mundo real, essas mesmas pessoas mal se veem e mal se falam. Ainda assim, para muitas dessas pessoas, o que realmente importa é sair bem nas fotos. Dessa forma, quanto mais perfeita a fotografia, mais distante da realidade ela pode estar. São pessoas que não convivem mais como uma família, apenas compartilham o mesmo endereço.

Conviver com outras pessoas, além de nós mesmos, é, na maioria das vezes, complicado. Contudo, por incrível que pareça, essas tensões são necessárias e fazem parte do nosso desenvolvimento como indivíduos e membros da sociedade. Como bem disse o autor do livro de Provérbios: “*Assim como o ferro afia o ferro, o homem afia o seu companheiro*” (Provérbios 27.17 – NVI, 1993). Segundo o autor bíblico, somos o resultado dos encontros que temos. Nossa identidade é moldada pelas pessoas com quem nos relacionamos. Essa verdade, porém, requer um alerta: assim como todo atrito gera calor e, dependendo da temperatura atingida, é capaz de deformar a estrutura de um objeto, o mesmo ocorre nas relações humanas. O apóstolo Paulo escreveu: “*Se possível, no que depender de vocês, vivam em paz com todas as pessoas*” (Romanos 12.18 – NAA, 2017). Mas isso nem sempre é viável, pois, dependendo do calor, da temperatura gerada pelos atritos em nossas relações interpessoais, uma amizade ou um relacionamento pode se deformar e, com o tempo, até mesmo se romper.

## 2. FAMÍLIAS BÍBLICAS, NEM TÃO PERFEITAS ASSIM

Geralmente, quando a temperatura das nossas discussões está nas alturas, temos o mau hábito de elogiar apenas as pessoas que não fazem parte do nosso círculo relacional, como se elas fossem perfeitas, enquanto reservamos as reprovações apenas para aqueles que estão mais próximos, como se neles só houvesse defeitos. Quando isso ocorre, os atritos, que deveriam servir como ferramentas de construção, formação e aprimoramento, tornam-se armas de desconstrução, deformação e destruição. Como resultado desse processo, surgem almas feridas entre cônjuges, corações amargurados entre amigos, distanciamento e quebra de relações entre pais e filhos, além de ressentimentos, ódio e inveja entre irmãos, e assim por diante.

Conflitos familiares não são características exclusivas da sua ou da minha família. Diversas famílias citadas na Bíblia, ao contrário do que muitas vezes imaginamos, estão longe de ser perfeitas.

Pelo contrário, algumas delas exemplificam o que há de pior em nós. A família de Jacó, filho de Isaque e neto de Abraão, é um exemplo claro disso, especialmente ao observarmos a história de um de seus filhos, José. Embora José seja um ‘tipo’ de Cristo — ou seja, alguém do Antigo Testamento que prefigura ou simboliza Jesus Cristo e Seu ministério no Novo Testamento — ele está longe de ser um santo ou de viver a vida perfeita que muitas vezes imaginamos. Ao abandonarmos a romantização da leitura bíblica, percebemos que Jacó e seus filhos formaram uma família completamente disfuncional, onde quase tudo parece estar errado. Vejamos:

- **Pai com favoritismo familiar:** *“Ora, Israel gostava mais de José do que de qualquer outro filho, porque lhe havia nascido em sua velhice; por isso mandou fazer para ele uma túnica longa”* (Gênesis 37.3 – NVI, 1993). Afinidade é uma coisa; seletividade é outra.

- **Irmãos ciumentos e invejosos:** *“Quando os seus irmãos viram que o pai gostava mais dele do que de qualquer outro filho, odiaram-no e não conseguiam falar com ele amigavelmente... Assim, seus irmãos tiveram ciúmes dele”* (Gênesis 37.4, 11a – NVI, 1993).

- **Irmão orgulhoso e provocativo:** *“Certa vez, José teve um sonho e, quando o contou a seus irmãos, eles passaram a odiá-lo ainda mais... Depois teve outro sonho e o contou aos seus irmãos: ‘Tive outro sonho, e desta vez o sol, a lua e onze estrelas se curvavam diante de mim’”* (Gênesis 37.5, 9 – NVI, 1993).

- **Irmãos que alimentam o desejo de morte na mente e no coração:** *“Mas eles o viram de longe e, antes que chegasse, planejaram matá-lo. ‘Lá vem aquele sonhador!’, diziam uns aos outros. ‘É agora! Vamos matá-lo e jogá-lo num destes poços, e diremos que um animal selvagem o devorou. Veremos então o que será dos seus sonhos’”* (Gênesis 37.18-20 – NVI, 1993). Quem nunca ouviu a frase: “Fulano de tal, para mim, morreu. Nem sequer mencione o nome dele nesta casa”?

### 3. FERIDAS QUE TEMPO NÃO CURA, LEMBRANÇAS QUE O PASSADO NÃO APAGA

A história de vida de José é amplamente conhecida entre os cristãos evangélicos. José foi vendido pelos irmãos a *“mercadores ismaelitas (...) que o levaram para o Egito”* (cf. Gênesis 37.28 – NVI, 1993). No Egito, *“o egípcio Potifar, oficial do faraó e capitão da guarda, comprou-o dos ismaelitas”* (cf. Gênesis 39.1 – NVI, 1993). Como escravo, José foi injustiçado, preso e esquecido na prisão do faraó (cf. Gênesis 39.20, 23). No entanto, com o passar do tempo, por providência divina, José alcançou o posto de segundo homem mais poderoso do mundo (cf. Gênesis 41.40, 44), já que, naquela época, o Egito era a nação mais poderosa existente.

Vinte anos se passaram desde que José foi vendido como escravo pelos seus irmãos. Nesse período, *“antes dos anos de fome, Azenate, filha de Potífera, sacerdote de Om, deu a José dois filhos. Ao primeiro, José deu o nome de Manassés [hebraico: ‘entregue ao esquecimento’], dizendo: ‘Deus me*

*fez esquecer todo o meu sofrimento e toda a casa de meu pai”*” (Gênesis 41.50-51 – NVI, 1993). No entanto, embora José tenha afirmado que havia esquecido todo o sofrimento que passou e todos os seus irmãos que originaram esse sofrimento, isso não era verdade. O agora governador do Egito estava se enganando, assim como nós muitas vezes fazemos ao pensar que a simples passagem do tempo é suficiente para resolver problemas de relacionamento gerados no passado. Tempo não gera perdão. O simples afastamento daquilo que nos fere, por si só, não cura as nossas feridas:

*“José reconheceu os seus irmãos logo que os viu, mas agiu como se não os conhecesse, e lhes falou asperamente: ‘De onde vocês vêm?’ Responderam eles: ‘Da terra de Canaã, para comprar comida’”* (Gênesis 42.7 – NVI, 1993). Mesmo após duas décadas, no momento em que José avistou seus irmãos, ele os reconheceu, e suas feridas emocionais se reabriram, trazendo à tona as lembranças dos sofrimentos que ele dizia ter esquecido. Seu modo de falar mudou, seu coração se encheu de ira, e os rancores do passado começaram a influenciar seu comportamento e suas decisões. Há feridas que o tempo não cura, e lembranças que o passado não apaga. Problemas de relacionamento não tratados no tempo certo têm o mesmo efeito que ocultar um ferimento com fita isolante, esperando que, ao retirar a fita após algum tempo, o ferimento esteja curado, sem a necessidade de um tratamento adequado. No entanto, o resultado será o oposto. Quanto mais tardamos a iniciar o tratamento, mais doloroso será o processo de cura. Da mesma forma, quando enfrentamos problemas de relacionamento, devemos nos conscientizar de que o afastamento, por si só, não gera cura, o tempo não proporciona perdão automático, e por isso precisamos tratar com urgência as feridas que se formam em nosso coração.

#### **4. OLHO POR OLHO, DENTE POR DENTE, QUEIMADURA POR QUEIMADURA, FERIDA POR FERIDA – ÊXODO 21.24-25**

O sonho de José: *“Estávamos amarrando feixes de trigo no campo, quando o meu feixe se levantou e ficou em pé, e os seus feixes se ajuntaram ao redor do meu e se curvaram diante dele”* (Gênesis 37.7 – NVI, 1993). A realidade: *“Quando os irmãos de José chegaram, curvaram-se diante dele, rosto em terra”* (Gênesis 42.6 – NVI, 1993). Evento, interpretação, sentimento, comportamento: *“Lembrou-se então dos sonhos que tivera a respeito deles e lhes disse: ‘Vocês são espiões! Vieram para ver onde a nossa terra está desprotegida’”* (Gênesis 42.9 – NVI, 1993; cf. vv. 12, 14, ‘são espiões’). Ao ver seus irmãos fragilizados e curvados diante dele, José interpretou que Deus lhe estava dando a oportunidade de punir aqueles que o haviam vendido e fazer justiça (leia-se “vingança”) com as próprias mãos. O *“salvador do mundo”* (Zafenate-Panéia, cf. Gênesis 41.45) se torna o *“opressor de seus irmãos”*. Ao decidir se vingar, José se torna na imagem e semelhança de seus agressores:

- **Irmãos presos** – *“E os deixou presos três dias”* (Gênesis 42.17 – NVI, 1993). A intenção: *“Quero que eles sintam a dor da prisão e o desespero da incerteza sobre o futuro, assim como eu senti quando fui jogado no poço”* (cf. Gênesis 37.23-24).

● **Benjamim requisitado** – *“Tragam-me, porém, o seu irmão caçula, para que se comprovem as suas palavras e vocês não tenham que morrer”* (Gênesis 42.20 – NVI, 1993). A intenção: *“Quero que eles revivam o olhar de dor no rosto de nosso pai, como quando ele pensou ter perdido um filho amado”* (cf. Gênesis 37.34-35).

● **Simeão acorrentado** – *“Nisso José retirou-se e começou a chorar, mas logo depois voltou e falou de novo com eles. Então escolheu Simeão e mandou acorrentá-lo diante deles”* (Gênesis 42.24 – NVI, 1993). A intenção: *“Quero que eles lembrem o momento em que um irmão inocente foi separado do convívio familiar, amarrado e depois aprisionado em um lugar desconhecido”* (cf. Gênesis 37.28).

Muitas vezes, nos alimentamos de remorso em vez de nos nutrirmos do perdão, acreditando que essa atitude nos faz bem. É aquele velho 'perdoei, mas não esqueci', quando as lágrimas derramadas apenas maquiam o que realmente existe no coração. Isso acontece porque temos uma necessidade, tanto interna quanto externa, de promover nossa própria justiça. No entanto, enquanto o perdão cura, o remorso sufoca. Existem lágrimas que purificam a alma, mas há outras que contaminam o nosso interior.

## 5. UM POUCO DE BÁLSAMO, UM POUCO DE MEL

*“Ao chegarem à casa de seu pai Jacó, na terra de Canaã, relataram-lhe tudo o que lhes acontecera”* (Gênesis 42.29 – NVI, 1993)

De um lado, temos José, um homem poderoso que acreditava piamente estar no direito de punir e subjugar todos os seus irmãos maldosos. Do outro lado está Jacó, com o coração tão ferido quanto o de José, mas fragilizado, pois, em seu entendimento, ele já havia perdido um filho (José), estava com outro filho preso (Simeão), sem a certeza de que o veria novamente, e estava sendo obrigado a abrir mão de mais um filho (Benjamim). Jacó tinha pleno direito de ficar com raiva desse “governador do Egito”, sem saber que, na verdade, ele era seu filho. Talvez Jacó tenha pensado: *“Como pode alguém que não me conhece, que não conhece a minha família, ter a coragem de acusar toda a minha casa de sermos espíões, mesmo vendo que o nosso vestuário é de pastores de ovelhas, que a nossa família não tem porte de guerreiros nem comportamentos típicos de espíões? Além de nos acusar injustamente, esse homem lança todos os meus filhos na prisão, mantém um deles aprisionado e ainda quer que outro filho meu seja entregue em suas mãos.”*

Jacó poderia odiar José, odiar esse governador do Egito. Contudo, sua atitude foi outra: *“Então Israel, seu pai, lhes disse: ‘Se tem que ser assim, que seja! Coloquem alguns dos melhores produtos da nossa terra na bagagem e levem-nos como presente ao tal homem: um pouco de bálsamo, um pouco de mel’”* (Gênesis 42.29 – NVI, 1993)

Para nós, bálsamo e mel podem não significar muito. No entanto, esses elementos possuem uma simbologia muito rica na cultura de Canaã. Na sequência da história, vemos que *“eles então prepararam*



*o presente para a chegada de José ao meio-dia, porque ficaram sabendo que iriam almoçar ali. Quando José chegou, eles o presentearam com o que tinham trazido e curvaram-se diante dele até o chão*” (Gênesis 43.25-26 – NVI, 1993). Assim, José recebeu de seu pai, pelas mãos de seus irmãos, um pouco de bálsamo e um pouco de mel. O que esses elementos simbolizam na terra dos hebreus, e que José conhecia bem, pois vinha de lá?

O bálsamo simboliza o desejo de que todas as feridas da alma de quem o recebe sejam curadas. É como se Jacó estivesse dizendo a José: “Se há alguma coisa em seu coração que está ferido, que eu seja um bálsamo em sua vida. Que o meu Deus cure as feridas da sua alma”. Jacó sabia que ninguém faria o que fez com seus filhos sem razão. Teria que haver alguma ferida na alma desse governador.

O mel simboliza o desejo de que haja doçura na vida de quem o recebe. Simbolicamente, o mel representa alimento universal e fonte de energia natural, capaz de sustentar a força de qualquer um que esteja incapacitado para caminhar, viajar ou entrar em combate. Enquanto o bálsamo cura o ferido, o mel fortalece o saudável. Simbolicamente, o mel nutre a alma, sacia o ser e traz doçura à vida. Jacó pode ter pensado: “Algo amargurou a vida deste homem. Enviarei a ele um pouco de mel, um pouco de doçura”.

Qualquer egípcio que recebesse esses presentes talvez não entendesse o seu significado, pois não faziam parte da sua cultura. Porém, José não era egípcio. Ele conhecia muito bem toda a simbologia daqueles presentes. De modo que, ao abrir os presentes e olhar para os dois elementos, era como se o próprio pai estivesse lhe dizendo: “Eu desejo que você tenha cura para as feridas do seu coração e a alegria restaurada em sua vida”. Naquele momento, estabeleceu-se um embate: de um lado, Jacó, como agente do perdão; do outro, José, como promotor da vingança. Quem venceu?

Apesar de José ainda resistir inicialmente e insistir em testar seus irmãos de outras formas (cf. Gênesis 44), chegou o momento em que ele “não pôde mais conter-se diante de todos os que ali estavam” (Gênesis 45.1 – NVI, 1993). José “*então se lançou chorando sobre o seu irmão Benjamim e o abraçou, e Benjamim também o abraçou, chorando. Em seguida, beijou todos os seus irmãos e chorou com eles. E só depois os seus irmãos conseguiram conversar com ele*” (Gênesis 45.14-15 – NVI, 1993). Naquele instante, de forma figurada, houve sobre a vida de José o derramar de um pouco de bálsamo e um pouco de mel.

## 6. CONCLUSÃO

A mensagem da parte de Deus para cada um de nós é que, em vez de sermos promotores da justiça própria, agentes da vingança, ou de nos tornarmos semelhantes ao nosso agressor, nos igualando a ele, não devemos abrir mão de nossas virtudes ao nos transformarmos naquele que nos feriu. Ao contrário, devemos ser bálsamo e mel na vida das pessoas, especialmente em nossa casa, junto à nossa família.

Para as feridas da alma, o bálsamo pode ser ministrado por meio de palavras. As produções dos nossos lábios podem se transformar em armas que desvalorizam, desanimam e destroem os sonhos alheios. Da mesma forma, nossas palavras podem ser doces e amáveis, capazes de gerar alegria, prazer e motivação, especialmente em momentos de crise. Afinal, “*a língua tem poder para trazer morte ou vida*” (Provérbios 18.21 – NVT, 2016). Mesmo com o coração ferido, com um filho aprisionado e correndo o risco de perder os demais, Jacó buscou gerar cura na alma daquele que foi o agente causador de sua dor. O mel adoça a nossa existência, trazendo suavidade ao que fazemos e ao que somos. Bálsamo e mel, juntos, cicatrizam nossas feridas, alimentam espiritualmente, fortalecem a alma e revigoram o nosso ser.

Assim como o antídoto contra o veneno de uma serpente vem da própria serpente, nos relacionamentos interpessoais, muitas vezes a cura para as feridas da nossa alma está no próprio agente causador da dor. Frequentemente, quando somos “picados” por alguém, para evitar sofrermos novamente com a mesma dor, decidimos nos afastar de todos. De fato, assim não seremos mais machucados por ninguém, mas também nunca seremos curados por alguém, porque o mesmo veneno que mata pode ser transformado no remédio que cura. Ainda que muitas das nossas relações humanas nos decepcionem, são essas mesmas relações que Deus utiliza para restaurar a nossa vida.

O coração de Jacó estava tão ferido quanto o de José. Ambos poderiam agir como algozes um do outro, mas Jacó escolheu oferecer um pouco de bálsamo e um pouco de mel. Essa atitude fez toda a diferença na vida de José.

Devemos orar para que Deus nos cure, mas devemos orar ainda mais para que Ele nos capacite a curar e nutrir aqueles que nos feriram. Assim como Jacó, podemos ser a provisão de Deus para muitos que, à semelhança de José, precisam de um pouco de bálsamo e mel. Não podemos sofrer no lugar de outras pessoas, mas sempre podemos segurar suas mãos. Receber bênçãos é fácil, mas ser bênção é outra história.

*Soli Deo Gloria.*


 Reflexão baseada na palestra homônima ministrada no Simpósio da Família, em 21/09/2024, na Igreja de Cristo Pentecostal Internacional em Jardim do Estádio, em Santo André/SP.

Autor: Pr. Herbert Pereira

[Copyright © 2024] – Todos os direitos reservados. – TRECG4



Kéryx Estudos Bíblicos e Teológicos – *Em Defesa da Verdade*

 Acesse: [keryx.com.br](http://keryx.com.br)

*“Orem por mim, para que, no abrir da minha boca, me seja dada a palavra, para com ousadia tornar conhecido o mistério do Evangelho”  
(Efésios 6.19 – Nova Almeida Atualizada)*